



Escola Espaço de Reflexão

Equidade de Gênero e Proteção às Mulheres



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

COLÓQUIO 8

Afrorresistência: as escritas da negritude pela arte



KARINY MAIARA
MEDIADORA

Professora de Língua Portuguesa,
Especialista em Ensino de Língua
portuguesa e Técnica Educacional na
Cociq - Seduc



CÍCERA BARBOSA
FACILITADORA

Professora de História da Rede
Estadual do Ceará. Preceptora do
Programa Residência Pedagógica -
História/UFC. Curadora Museológica.

Acesse o QRCode e
inscreva-se!



FRAN BERNARDINO
FACILITADORA

Atriz. Licenciada em Teatro. Professora de Artes
da Secretaria da Educação do Ceará.
Neuroeducadora. Educadora sexual. Mestra em
Serviço Social, Trabalho e Questão Social.



DATA
Terça, 30 de abril



HORÁRIO
08h30



Cícera Barbosa: Professora de História da Rede Estadual do Ceará; Presidente da Associação dos Amigos do Museu do Ceará; Mestranda no Programa de História Social UFC- Memória e Temporalidades; Membro do grupo Caldeirão- Confluências Contracoloniais; Membro da Rede Nacional de Historiadores Negros; Membro da Rede Nacional de Pesquisadores em Cultura Junina; Preceptora do Programa Residência Pedagógica História-UFC; Curadora Museológica, Pesquisadora da Cultura Popular; Educadora popular e poeta.



Fran Bernardino é atriz, licenciada em Teatro (IFCE), professora de Artes da Secretaria da Educação do Ceará, neuroeducadora (Unichristus), educadora sexual (CEPPS-SP), e mestra em Serviço Social, Trabalho e Questão Social (UECE).



Para iluminar



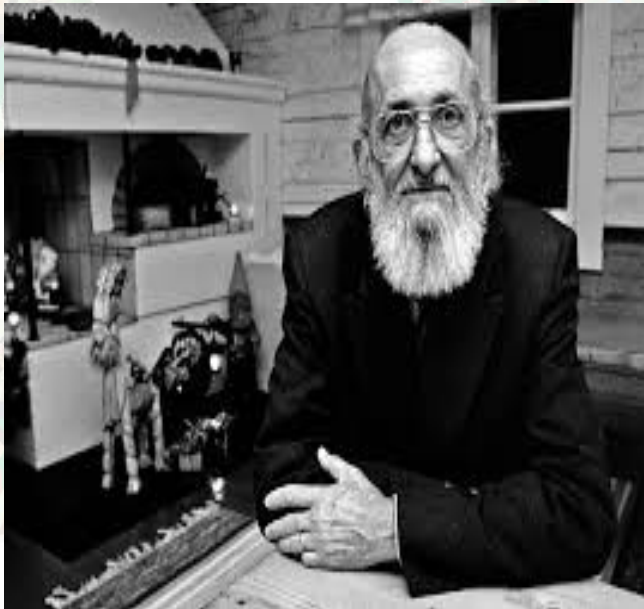
bell hooks - autora, professora, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense.

A educação progressiva e holística dá ênfase ao bem-estar. Os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização que promova o seu próprio bem-estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos (hooks, 2017).

A prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional de assistência **deve ser dirigida primeiro para ele mesmo**. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar a muita gente (hooks, 2017).



Para iluminar



Paulo Freire – educador, filósofo brasileiro.
É o patrono da Educação Brasileira.

Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser... (Freire, 1996).

Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente (Freire, 1996).

Da alegria do encontro com hooks: Livros que destacam a ênfase ao gênero: Pedagogia da Esperança, À sombra desta mangueira, Pedagogia da Indignação e Pedagogia dos sonhos possíveis.

Aprendizado de Freire após contato com hooks: **a coerência entre a teoria e a prática.**



A minha literatura preta

Eixos: neuro-biopsicosocial, cultural, racial/social

- **Aforresistência são as escritas da negritude pela Arte**
- As nossas escritas de vida e a capacidade de imaginar: infância, adolescência, idade adulta, velhice e interferir na realidade.
- O que lembramos e o que esquecemos? Ancestralidade, memória
- **Vamos bocejar?** (neurônios-espelho, relaxamento e empatia)
- Bem-estar: **ativação do hormônio da felicidade** (serotonina)
O tempo, exercícios físicos, boa alimentação, sono de qualidade, condições materiais objetivas, ambiente saudável: regulação do humor, do sono e **sonho**, ritmo cardíaco, temperatura corporal, sensibilidade e funções cognitivas.
- O oposto disso é o mau humor, vigília constante, ansiedade e depressão.





Afrorresistência: as escritas da negritude pela Arte

- Da ação para a palavra: a escrita da experiência

No Theatro e no palco, eu pude ser vista e ouvida, reconhecida e aplaudida em minha expressão. Vivia personagens que em minha pele negra seriam sempre negros. Eu podia ser quem eu quisesse ser, brincando com os ritmos, as musicalidades, as melodias da fala, os movimentos corporais, os gestos de todas as ordens para simbolizar o que sentia, o que via, dialogando com o mundo em linguagem teatral, além das danças afro-brasileiras, das coleções de desenhos de passarinhos, do artesanato em fuxico e materiais recicláveis que eram as minhas atividades artísticas ancestrais preferidas (Bernardino, 2023, p. 26).





Afrorresistência: as escritas da negritude pela Arte

Narrativas esquecidas na memória nos fala da própria memória
A dialética-crioula: não se nega a contradição

“A gente esqueceu que é pedra, água e terra. A gente esqueceu o que a gente é. Não tem importância que a gente tenha esquecido desde que a gente consiga relembrar. Porque a memória também não é só o que se lembra. Na memória também está o que se esquece”*.

Leda Maria Martins

Postado no perfil do Instagram de @selvagem_ciclodeestudos



Afrorresistência é o reconhecimento de narrativas: literatura negra brasileira



“A presente pesquisa visa compreender de que forma os alunos matriculados na disciplina eletiva de Literatura Preta refletiram sobre seu próprio reconhecimento étnico-racial ao estudarem obras literárias escritas por negros e indígenas. Fizemos uso do método de Marx (Neto, 2011), da pedagogia da autonomia de Freire e também da pedagogia transformadora de hooks (2017) para fundamentar nossa investigação científica. Para elucidar nossas questões, realizamos uma pesquisa bibliográfica com base em estudiosos da questão racial (Moura, 2019; Nascimento, 2016), da Educação para as relações étnico-raciais (Gomes, 2017) e da ancestralidade na literatura negra (Oliveira, 2014). O campo da pesquisa foi a Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Dragão do Mar, em Fortaleza, Ceará. Adotamos o método qualitativo quanto à observação participante. As técnicas de coleta de dados foram painel de Padlet, diário de campo e entrevistas de escuta-escrita. Os participantes da pesquisa foram os alunos da disciplina eletiva de Literatura Preta durante os semestres 2022.1, 2022.2 e 2023.1, e tiveram como desfecho de pesquisa suas próprias narrativas sobre o reconhecimento étnico-racial. Ao longo desta investigação, percebemos a necessidade de ensinar e estudar conteúdos curriculares antirracistas como uma das ferramentas para a superação do racismo na Educação Básica”.

Francisca Lúcia de Jesus Bernardino

Afrorresistência é o reconhecimento de narrativas: arquivo confidencial: Por que guardamos memórias?

FRANCISCA LÚCIA DE JESUS BERNARDINO

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Figura 01 – Montagem fotográfica: Maria Lúcia de Jesus (minha mãe) e eu



Fonte: Acervo pessoal.

Chegava cedo à sala de aula e dormia em alguma carteira situada nas primeiras filas. Acordava com os barulhos de sirene e/ou das/dos colegas de turma. Não faltava às aulas, a escola era um dos meus lugares preferidos além da praia dos botes, no Mucuripe. Ambos os lugares da brincadeira, do novo, do imprevisível. Foi na escola que desenvolvi bonitas amizades e tinha nas professoras um referencial do que eu queria ser, ainda que naquele momento ainda não soubesse que teria um futuro de trabalho na sala de aula.

Figura 02 – Com tia Vêrsia, na festa de formatura do ABC



Fonte: Acervo pessoal.

Ao passo que a escola era um dos lugares que unia a mágica descoberta das letras que formavam palavras que se transformavam em textos, em versos poéticos, ritmados e prosaicos e onde brincava durante as aulas e no recreio paradoxalmente criava narrativas solitárias mesmo em convivência com muitas pessoas.

Na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, no ano de 2004, a minha mãe foi demitida de seu trabalho de empregada doméstica⁶, da casa do seu patrão,

⁶ Assinada em 2015 por Dilma Rousseff, a PEC das Domésticas deu novo rumo ao trabalho de milhões de mulheres antes sem qualquer



Afrorresistência e o reconhecimento de narrativas: desenhos e escrita

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Entrevi desde a primeira aula que poderia apostar na união de temas complexos como as desigualdades raciais e sociais e a arte. A primeira experiência de avaliação da disciplina deu o tom do caminho a trilhar. A pergunta foi:

Quais as suas impressões da aula de hoje? (sentimentos e pensamentos). Transcrevo abaixo as respostas dos/as estudantes: *“Eu aprendi mais sobre a valorização negra”*. (Texto escrito em 08 de fevereiro de 2022, em painel virtual)

A aula foi bastante interessante, como membro de outra minoria eu odeio ver a imagem de pessoas como eu sendo estereotipada então eu me interessei com essa matéria de início, e também em 2020 eu comecei a notar o protagonista branco na maioria das obras, mas não tinha nenhum meio de abrandar (sic) meus horizontes, então espero q essa aula abra meus olhos :D”. (Texto escrito em 08 de fevereiro de 2022, em painel virtual)

Sentir alegria por ter de novo essa eletiva, pois é muito importante falar sobre nossa cor e o preconceito, para que possamos dizer não sou ladrão, não sou o que você pensa, pois no mundo hoje tem muitos preconceitos etc... Ainda bem q existe essa eletiva pra aprender mas. (Texto escrito em 08 de fevereiro de 2022, em painel virtual)

Tais aproximações possibilitaram caminhos para o reconhecimento da arte produzida por pessoas negras como espaço de sua expressão mais genuína, enquanto aprendizagem sensível e recriação poética e não como um acessório.

Tais identificações puderam ser percebidas durante toda a disciplina eletiva quando estudamos aspectos das vidas negras no Brasil, no Ceará não é diferente, diversos relatos foram atualizados naquele tempo presente sobre um passado que ainda se reproduz em nosso país sobre as existências negras ancestrais do Brasil.

ra no Brasil⁴³. A enunciação da palavra ‘trabalho’ remete à ação do ser humano que tem neste a sua experiência humana ontológica e a classe social desprivilegiada na sociedade capitalista dependente.

Figura 06 – Construção do painel “Mostre a sua palavra”: a liberdade pintada de azul



Fonte: Arquivo pessoal.

A palavra “liberdade” grafada abaixo da cor azul remete a amplidão do céu azulado de Fortaleza. O membro do corpo escolhido para a escrita da palavra foi a perna. A escolha do local relaciona-se à região do corpo onde são colocadas

43 A formação da classe trabalhadora no Brasil é intrínseca ao modo de produção escravista colonial brasileiro, marcado pela dominação, exploração e racismo. O colonialismo também se manifesta no modelo econômico dependente, nas formas políticas de dominação da classe e no campo da cultura.

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

tornozelas eletrônicas⁴⁴ como elemento contrário à palavra liberdade. O objeto é um dispositivo de controle comum no cotidiano de jovens residentes nas periferias brasileiras como estratégia de poder sobre os corpos. O sistema prisional brasileiro deixa evidente o racismo de forma cada vez mais preponderante. A seletividade penal tem cor.



Escola Espaço de
Reflexão
Equidade de Gênero e Proteção às Mulheres

Criar é nossa habilidade ancestral

Cotidiano repensado e praticado de forma prática e reflexiva

Práxis transformadora. Étnico-racial. Sexualidade humana.
Antropologia. Política. Arte.



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



“Lápis cor de pele”

Estava com a minha sobrinha Lulu na Estação das artes em uma atividade de pintura e ela me pediu o “lápis cor de pele” e logo pegou o lápis “cor de pele” e eu disse que o nome dele não era esse e sim lápis bege e peguei o lápis marrom, cor da minha pele e disse que aquele também era um “lápis cor de pele” porque era a cor da minha pele. E ela disse que não era a cor da minha pele e eu coloquei ao lado da pele do meu braço e ela, mesmo assim, disse que não era. Eu peguei o lápis “cor de pele” e disse que aquele não era cor da minha pele e que tinham muitas peles diferentes. Em um momento de uma atividade não preparada, tendo leitura da realidade racial, pude problematizar sobre discurso único eurocentrado e racializar a atividade, sem negar outras cores de pele.





Referências

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade. – Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2018.

BERNARDINO, Francisca Lúcia de Jesus. Educação das relações étnico-raciais: narrativas dos/as estudantes da eletiva literatura preta em Fortaleza/CE. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2023.

BERNARDINO, Francisca Lúcia de Jesus e DA COSTA, Maria Ambrosina. Neuroeducador e etnógrafo: o olhar [atento] para o campo de pesquisa. Artigo Unichristus, especialização em Neuroeducação, Fortaleza – CE, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. – 2. ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.





Escola Espaço de
Reflexão
Equidade de Gênero e Proteção às Mulheres

OBRIGADA!

@franbernardino



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO